

A Capital Nacional da Moda Tricô

Monte Sião é um município que fica no sul de Minas Gerais, na divisa com o estado de São Paulo. Pela estimativa do IBGE em 2022, conta com 24 089 habitantes. Sua área é de 292 km² e a altitude é de 850m. Monte-sionense é o gentílico para quem nasce em Monte Sião.

FUNDADOR: Dr. Antonio Marcello da Silva - 15/01/1958

Fevereiro de 2025 - Nº 632

Diretores - Antonio Marcello da Silva (*1931-) - Pascoal Andreta (*1915 - + 1982) - Ugo Labegalini (*1931 - +2012) - Ivan Mariano Silva (*1935 - +2020) - Alessandra Mariano (1969 -)

DONA ASSUNTA, A SOPRANO

VALDO RESENDE

Quem frequentava a paróquia já sabia de algumas regras que regiam o local. Havia uma certa hierarquia entre as carolas e os candidatos a beatos. Na ânsia de ganhar o céu, já aqui na terra, havia aqueles que tratavam de marcar presença de maneira inequívoca nas cerimônias litúrgicas e nos festejos adjacentes.

O decoro era fundamental, então nada de roupas justas e curtas para ambos os sexos; que ninguém se atrevesse a incitar o outro com volumes insinuados por debaixo dos panos. Dona Ednéa tratava de garantir a compostura das beatas. Portava sempre uma enorme bolsa e, dentro desta, lenços, véus e até mantilhas. Tudo de cor leve e neutra. Ela não gostava de decotes, saias curtas, peitos exuberantes. Sem pedir licença tirava o necessário da bolsa e limitava-se a dizer, ao colocar o tecido cobrindo a parte evidente: “É preciso estar bem

composta!”. Fim da missa recuperava o tecido e passava um sermão nas desinibidas.

Seu Lázaro, já na casa dos setenta, estava sempre vestido com um paletó preto cheio de medalhas de santas e santos. Faria inveja aos militares folclóricos de ditaduras sul-americanas. No pescoço pendurava três fitas com as preferências de sua devoção. Uma, azul, ostentava imensa medalha que parecia um pires com a imagem do sagrado coração de Maria. Outra, vermelha, com o Cristo, o coração sangrando e exposto. A terceira, amarela, tinha uma imagem de São Mateus, o padroeiro dos banqueiros.

Encarregado de receber as ofertas em cada missa, Seu Lázaro tinha comportamento inequívoco conforme a data em cada mês. No primeiro domingo após o quinto dia útil, quando supostamente todos os paroquianos já haviam recebido o salário ele ia, de banco em banco, oferecendo a

sacola aberta e olhando firmemente para a cédula dada. Nessa data não aceitava menos que dez reais de um, cinquenta reais de outro. Conhecedor de cada fiel, sabia quem podia dar o quanto ele estipulava. Chegava na frente da “vítima” e sussurrava: “50”! Menos que isso, insistia levantando a voz. Quem iria passar tal vergonha?

Pessoa notória e alvo da inveja de muitos era Dona Assunta. A preferida do pároco, de nome Domênico. Ele havia estipulado lugar fixo para a mulher, no quinto banco, na extrema esquerda do assento, pois de acordo com ele era o local ideal para que Dona Assunta puxasse o canto, segurando ritmo e afinação. Quando ela faltava ele subia ao altar com cara fechada, mal humorado e, sem pestanejar, reclamava quando o cântico não saía bom: “Vocês estão desafinadas!”.

Se cantora de ópera, Dona Assunta seria páreo para Jessie Norman, Maria Callas. Cantava

com a força necessária para garantir a audição de todos não só nas cerimônias internas, mas nas procissões onde reinava absoluta. Podia atrasar o quanto fosse – e contam que em algumas ocasiões atrasou para mostrar seu poder – que o padre não tirava o pé do lugar, chamando por ela com seu megafone. “Dona Assunta já chegou? Quando ela chegar a procissão sai”. O recorde de atraso da beata foi de uma hora e dez minutos.

Dona Assunta tinha uma inimiga não declarada, Dona Tereza. Com voz miúda e sem graça, ela ardia de inveja da outra, fato confessado por ela, o que deixava o Padre Domênico irritado. Era sagrado, uma vez por semana lá estava Dona Tereza ajoelhada no confessionário contando desejar que a outra ficasse rouca, engasgasse, ficasse muda. Após cada confissão de Tereza era o padre quem sentia necessidade de também se confessar, cheio de

raiva da pecadora reincidente.

Noite de Natal, a paróquia de Santa Luzia resolveu reativar a velha tradição da missa do galo, à meia-noite. Tudo deveria correr bem! As mulheres bem compostas com seus trajes noturnos, os homens com as notas separadas conforme o aviso de Lázaro, que não queria demora na recolha do dindim. Ainda, na hora da missa, Dona Tereza não escondia ser aquela a sua noite feliz. Dona Assunta não chegou. Marcada para iniciar às 23h00, passados trinta minutos da meia-noite o burburinho aumentou, a pressão venceu e o padre iniciou a missa sem sua cantora preferida.

Dez quadras dali, Dona Assunta havia enfrentado um entrevero com o marido que, sonolento, se recusou a sair de casa. Ela o deixou, ciente de sua importância na cerimônia de gala. Caminhando pela rua com seu porte volumoso, italiana que era cheia

de dotes, foi abordada por um gatuno querendo levar-lhe a bolsa. Nesta estava um escapulário, presente do padre, e uma medalha benta pelo próprio Papa, ela acreditava. Entrou em luta com o assaltante e levou a melhor, mantendo a bolsa, mas ficando com o vestido rasgado, o cabelo desgrenhado, o rosto arranhado.

Após a comunhão era hábito do padre pedir uma canção à Dona Assunta. Sem esconder a frustração, ele informou que faria a benção final dada à ausência da cantora. E iniciou a benção quando, lá de fora se ouviu um poderoso “noite feliz, noite feliz”. E Dona Assunta entrou, recomposta, poderosa feito a soprano Montserrat Caballé. Só justificaria ao padre o motivo do atraso. Ao passar por Dona Teresa respondeu com desdém ao olhar de inveja da outra. E seguiu até seu lugar, de onde ordenou ao menino Deus: “Dorme em paz, ó Jesus!”.

CRÔNICAS DA MINHA GENTE OS SEGREDOS DA GI

IVAN

A Gi nasceu e morreu sem dentes. Para amassar a comida, o queixo subia até o nariz, os beijos se esticavam para fora e, mesmo assim, a maior parte do alimento engolia inteira. Sem a guarda dos dentes a língua se esborrachava dentro da boca, as palavras brotavam truncadas entre chiados e assobios, enquanto as bochechas vibravam a cada frase incompreensível. Sem apoio, a pele era franzida como maracujá de gaveta. Para ajudar a fala, Gi balançava o corpo mirrado e retorcido para frente e para trás, sem grandes resultados, pois parecia ser outro idioma o dela.

Gi nasceu e morreu sem marido. “Nunca tive um homem de meu. Só mesmo avulsos, e avulsa todos me deixaram”. Gi também nasceu e morreu

sem filhos. Teve três, cada um de pai diferente, pais desconhecidos e desaparecidos. Os filhos, sumidos. É que, um dia, ao atender à porta, deparou-se com os três levando uma única trouxa. Quando esticou os beijos na pergunta muda, cuspiram: “Putá”, e sumiram mundo afora, para nunca mais. Gi confessava que doía um pouco, mas acostumada às tantas dores, estava calejada. E ponderava “Mãe nunca é puta; puta é quem tem com quem e aluga o corpo, sem respeito por ele, só por contentamento”. Gi nasceu e morreu sem pecados. Balançando o corpo para frente e para trás, agora para dar credibilidade, terminou a frase sem começo “... mas sinto saudade delas, das crianças”. Outra vez, ainda pronunciando somente o final da frase cujo início engolira, murmurou:

“... Então, meu coração ficou seco”, e balançou o corpo para reforçar a afirmação.

No cartório não se encontrou qualquer registro sobre seu nascimento, mesmo porque ninguém sabia seu verdadeiro nome. Gina? Regina? Gisele, nem pensar, “era nome de gente que tem para a carne”. Em toda a cidade não havia indícios de familiares, mesmo distantes. Seu sobrenome, portanto, permanecia ignorado. Do seu passado – pelo menos uma foto – nada se conhecia. Parecia que Gi havia nascido daquele jeito: velha. Perguntada, ela dizia ter um dia viajado com um circo para muito longe, onde falavam uma fala que ela não entendia e onde havia um dinheiro que nunca vira “mas, que não importava, pois que não comia dinheiro”.

Os olhos da Gi eram

a prova de que a ramela é proveniente das lágrimas. Nos cantos, ao lado do nariz, cada olho armazenava uma bolinha de ramela, acho que amarela, que, incólumes, desabavam pelo peso, depois de uma semana sem serem tocadas. Então, por agregação e geração de novas lágrimas, a ramela voltava a crescer. Ela sempre explicava “é por causa delas, das crianças”.

Em sua casa de pau a pique o fogão, sem borralho, tiritava de frio e fome. Nos dias de chuva, a cobertura de sapé chorava. No único cômodo, só o pote com água tinha vida. No quintal, a touceira de capitão renovava-se às próprias custas, sem a intervenção dela. Logo que um capitão murchava, colocava outro na garrafa de gargalo quebrado. Era seu luxo. A porta sem tramela, apenas encostada, advertia que o impossível ladrão sairia mais pobre, ou santificado, caso deixasse a ela, por misericórdia e remorso, uma oferenda.

Gi foi levada ao cemitério em caixão comunitário e despejada

em cova rasa. O caixão chegou penso de um lado. Com quatro alças, apenas três estavam ocupadas pelos três filhos. Mais ninguém. Ao descer seu corpo na cova, um dos filhos retirou-lhe o patuá enebado do pescoço. Abriu o bentinho, colheu o papelzinho dobrado em quatro, leu. Desfigurado, fez uma bolinha com a mensagem e, junto à pá de terra, atirou-a sobre o corpo da mãe. Estava escrito: “deus não ezeste”.

Gi nasceu analfabeta

e sem opinião. A escola ensinou-a escrever; a crueza da vida obrigou-a a ter sua opinião escondida no bentinho. Opinião que, se verdadeira, a levaria de volta ao nada.

Gi nasceu e morreu sem saudade... saudade que lhe corroeu a alma entre o alvorecer e o ocaso da triste vida.

Crônicas da Minha Gente – seleção de crônicas de Ivan Mariano Silva, colaborador incansável deste jornal, um dos idealizadores e fundadores do Museu Histórico e Geográfico de Monte Sião e da FCPA, que nos deixou em Agosto/2020

O AGORA SATISFAZ O EGO

Um tempo em cada hora

Uma hora perco tempo

Há tempo que perco a hora

Distante deste evento

O vento fez aurora

E o dia foi-se embora

BOB

MAIS RESPEITO COM O PORTUGUÊS - NO. 76

ISMAEL RIELI

Mais um pouco de Ary Toledo

Coisas que existem, mas a gente não vê:

Pacotinho de catchup que abra fácil

Revista nova em sala de espera

Taxi em dia de chuva Santo de óculos

Papel higiênico em banheiro de estádio

Pesquisador do IBOPE na casa da gente

Cabeça de bacalhau Fotografia de sogra na carteira

Adolescente arrumando a cama

Caneta perto do telefone

Chester vivo

X x x

X x x

Pelo grau de instrução que tem, Luís Inácio até que não agride muito o português. Tem o dom da palavra. Raciocínio lógico, coerente, um bom vocabulário, amplo e profundo conhecimento do país, que governa pela terceira vez. Já comeu da banda podre e sabe o que é fome.

Emérito articulador político é respeitado no mundo todo. Não importa que seja monoglota é pra isso que servem os intérpretes. Dia desses, num de seus improvisos (que às vezes custam caro por-

que nasceu com o coração perto da goela) repetiu quatro vezes seguidas CIDADÕES.

Acontece que é muito complicado o plural dos substantivos que terminam em ão.

Vejam os nos ensina mestre Celso Cunha. Os substantivos terminados em ão formam o plural de três maneiras:

1: A maioria muda a terminação ão em ões: balão, botão, canção, confusão, coração, eleição, fração, gavião, leão, nação, operação, opinião, questão, tubarão, vulcão.

Nesse grupo se incluem todos os aumentativos:

Balão, casarão, chape-

lão, dramalhão, espertalhão, figurão, moleirão, narigão, paredão, pobreirão, rapagão, sabichão, vagalhão, vozeirão.

2: Um reduzido número muda a terminação ão em ães:

Alemão, cão, capelão, capitão, catalão, charlatão, escrivão, guardião, pão, sacristão, tabelião.

3: Um número pequeno de oxítonas e todos os paroxítonos acrescentam simplesmente um S à forma singular.

É aqui que entra o cidadão

Cidadão, cortesão, cristão, desvão, irmão, pagão, acórdão, bênção, órfão, órgão, sócio.

Obs: substantivos há que admitem dois ou até três formas de plural:

Alazão – alazões e alazões; ermitão – ermitães, ermitãos, ermitães; aldeão – aldeões, aldeões, aldeões; anão – anões, anãos; ancião – anciãos, anciões, anciães; castelão – castelãos, castelães; deão – deões, deães; refão – refrães, refrões; rufião – rufiões, rufiães, rufiões; sultão – sultões, sultãos, sultães; verão – verões, verãos; vilão – vilões, vilãos.

Como se vê o troço é complicado e o Luís Inácio tem uma miríade de problemas para resolver: inflação que ameaça galo-

par; o centrão insaciável; ministros que não correspondem; emendas e mais emendas; ciúmeira por toda parte; chantagem; queda no banheiro; enchentes; queimadas; rebeliões; fake news.

X x x

Dúvida

O velho acaba de morrer. O padre encomenda o corpo e faz os elogios de praxe pro falecido:

- O finado era um ótimo marido, um excelente cristão, um pai exemplar!!

A viúva se vira para um dos filhos e lhe diz ao ouvido:

- Vai até o caixão e veja se é mesmo o seu pai que tá lá dentro...

A PROCISSÃO E A FUGA

DANILO ZUCATO ROBERT

“Na noite desta quarta-feira (27/11/24), um episódio de alta tensão interrompeu a tranquilidade da cidade de Monte Sião, no sul de Minas Gerais, durante uma procissão em homenagem à padroeira Nossa Senhora da Medalha Milagrosa. Dois jovens em uma motocicleta com escapamento aberto, em fuga da Polícia Militar de Águas de Lindóia (SP), invadiram o centro da cidade e atravessaram a multidão de fiéis, causando pânico e correria.”

À primeira vista, um acontecimento como este em uma cidadezinha como a nossa poderia dar um bom conto do meu irmão, unindo o trágico, o cômico e o mágico. Por outro lado, podemos ver a notícia com certo alívio, visto que os dois meninos não conseguiram fugir da polícia, nem machucaram

ninguém, senão somente a si mesmos (literalmente). Mas a maneira como quero analisar este acontecimento, que, apesar de parecer banal (fuga da polícia...), é raro em nossa realidade (...no meio de uma procissão), é sob perspectiva sociológica.

Hannah Arendt, à época da Segunda Guerra Mundial, dizia que sua geração vivia sob a Banalização do Mal. Tal conceito perdura até hoje, com o acréscimo de uma nova banalização, a do Sagrado. Usar uma procissão como um meio para se alcançar um fim tão individualista escancara como o Sagrado perdeu a importância em nossas vidas. Para os dois meninos na moto, a procissão era o meio pelo qual eles concluiriam a fuga da polícia, para retornar a suas vidas de descumprimento de leis como dirigir provavelmente sem carteira de motorista, possivelmente embriagados ou drogados, em alta velo-

cidade, causando poluição sonora e medo em outros motoristas de bem.

A cultura do “malandro” e o culto ao dinheiro transformam aspectos transcendentais em eventos sociais banais, esvaziados de seu valor simbólico. Pode até ser que os meninos na moto participem de alguma igreja ou alguma outra religião, porém uma das opções fica muito evidente: ou não são católicos ou não levam a religião (e o Sagrado na vida) a sério, independentemente de suas crenças.

De forma simbólica e bem mais romantizada, Francis Coppola já havia deixado evidente tal queda de significado do Sagrado em nossas vidas no filme “O Poderoso Chefão”, naquela fatídica cena do batismo de Michael Rizzi, filho de Connie Corleone. Na cena, enquanto um bebê, símbolo de pureza e inocência, recebe um dos Sacramentos, capangas da

família, a mando de Michael, assassinam membros de outras famílias da máfia italiana. Nesse caso, o Sagrado é presente, mas fora das dependências do templo, é deixado em segundo plano.

Hoje a religião no Ocidente pode fazer parte do cotidiano das pessoas, diferentemente de antes, quando o cotidiano girava ao redor da religião. Como diz Yuval Harari em “Sapiens”, a maior religião do mundo é a monetária. Ela para guerras, traz o perdão entre inimigos, derruba ideologias, preconceitos e barreiras históricas.

Esta é a religião que os meninos da moto seguem, sem refletirem sobre isso. Eles são levados pela correnteza, como plânctons. Plânctons são organismos que são levados pela correnteza da água porque não têm força para nadar contra ela. Os meninos da moto são organismos que são levados pela indústria cultural e pela religião do

dinheiro porque não têm força intelectual para nadar contra isto. Eles provavelmente nunca tiveram ‘mecanismos’ para sair da bolha, pensar criticamente e buscar por mais, além do que lhes é imposto. A realidade social em que cresceram provavelmente nunca os incentivou à reflexão, ao estudo contínuo, a fazer somente o certo e o que é bom. O meio onde vivem, ou “habitus”, termo de Pierre Bourdieu, influencia fortemente em como eles pensam, o que querem, o que fazem e, em suma, quem são.

O Sagrado fica ofuscado enquanto o Profano for enaltecido e estimulado. O que mais vemos na televisão, redes sociais ou nos filmes: apologia à humildade, integridade, aos que prezam pelo Sagrado e que seguem o que é bom, ou o enaltecimento do materialismo, do luxo, da fama e do poder? Quem não torceu pelo sucesso da Máfia Corleone? E quem

não torceu pelo traficante de metanfetamina Walter White, em ‘Breaking Bad’?

O que a indústria musical mainstream vende, em suma, aos jovens brasileiros? Letras sobre fazer o bem, ter uma vida refletida, ‘ousar saber’, como diria Kant? Não, as letras das músicas no topo das paradas brasileiras são em suma sobre egocentrismo, paixão não correspondida, traição ou sexo vulgar.

Uma procissão, cheia de aura sagrada, não impede mais que o profano a macule. Na dialética do Sagrado e do Profano, é difícil imaginar uma síntese de ambos. Parece-me mais uma luta até a morte de um dos dois.

O trecho da notícia, no início do artigo, refere-se à:

<https://www.tonogiro.com.br/noticia/jovens-em-fuga-causam-panico-em-procissao-religiosa-em-monte-siao>

MEMÓRIAS NUMA CAIXA DE VELUDO

JAIME GOTTARDELLO

Em um canto esquecido da velha estante, no fundo do velho armário, atrás de roupas esquecidas repousava a pequena caixa de veludo azul. A velha mulher a encontrou por acaso, deslizando os dedos sobre sua superfície macia, sentindo um arrepio subir pela espinha. Pequena e muda, não havia fechadura, apenas uma fita de seda amarrada com um laço perfeito.

Ninguém nunca mencionou nada sobre aquela caixa, e ainda assim, parecia pertencer à casa desde sempre. Com o coração acelerado, ela

desfez o laço e ergueu a tampa.

Lá dentro, havia apenas um bilhete, dobrado com precisão. Com dedos trêmulos, ela desdobrou o papel amarelado e leu as palavras escritas em tinta desbotada:

“Se você abriu, já é tarde demais.”

O frio da noite soprou pela janela entreaberta. A porta do quarto se fechou sozinha. E, do fundo da caixa vazia, algo se mexeu.

Era invisível, mas denso como neblina, escapando como um sussurro antigo. Primeiro, uma risada de infância se dissolveu no ar. Depois, o cheiro de bolinho de chu-

va e chá de hortelã nas tardes chuvosas. O som das ondas quebrando nos verões da juventude. As vozes, os abraços, os dias que um dia foram dela.

A mulher piscou, confusa. Algo parecia estranho. O que ela estava fazendo ali? O que tanto procurava?

Olhou ao redor, tentando se lembrar. Mas tudo o que restava era o vazio da caixa aberta em suas mãos. E a sensação incômoda de que, de alguma forma, tinha acabado de perder algo que nunca mais saberia nomear.

Talvez suas memórias? Não podia ser...

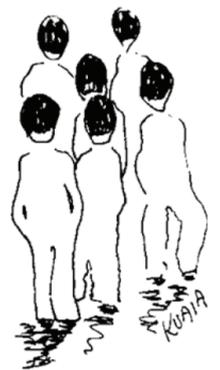
E então, como o so-

pro de uma brisa fresca entrando pela janela ela percebeu.

Não era esquecimento, mas um reencontro. As lembranças não haviam se perdido — estavam ali, vivas no ar, na pele, na alma. E, pela primeira vez em muito tempo, ela sorriu. Porque entendeu que algumas coisas não podem ser presas em caixas ou trancadas no passado. Elas sempre encontram um jeito de voltar.

Com um suspiro leve, fechou a tampa e sentiu a casa inteira respirar com ela. As vozes se aquietaram, mas não sumiram. Permaneceriam onde sempre estiveram: dentro dela.

EU



apenas sou quem sou desses tantos que são o que dizem

kuaia

MECÂNICA NETOS
nacionais e importados nacionais e importados

Fone: (35) 3465 2772

Rua Jair Zucato, 136 - Centro (PRAINHA)

Monte Sião - MG CEP 37580-000

Ernesto A. G. Bacellar Engº Mecânico Automotivístico

DELTA FOTO

Material Escolar e para Escritório
Suplementos para Informática
Cartuchos compatíveis e remanufaturados
Fotos 3 X 4 na hora

A MELHOR E MAIS BARATA
REVELAÇÃO ANALÓGICA E DIGITAL 24 HORAS

35 3465-3124

Av. das Fontes, 136-C - Monte Sião

Programe sua festa - nós temos o local!

RESTAURANTE DA LICINHA

Espaço para 250 pessoas

Km 6 da Rod. M.Siã - O.Fino - (35)3465 1355 - 9 9114 9447

KAFKA DESNUDO

MATHEUS ZUCATO

Imagine só um dia ser abordado em sua própria casa por homens estranhos que te coagem a os acompanhar até a delegacia, pois você está sendo processado por um crime que desconhece, partindo a acusação de alguém também desconhecido e que pouco lhe dá mais informações do caso ou o mesmo o direito de se defender.

Ou então: imagine ser você um agrimensor contratado pelas autoridades de uma aldeia sob a sombra de um misterioso castelo. Ali você enfrenta incrível resistência e contradições burocráticas que o impedem de exercer sua função ou sequer se aproximar do local (o castelo) e prestar o serviço requerido.

Agora imagine que você seja um explorador estrangeiro a visitar uma remota localidade onde testemunha o funcionamento de uma máquina de execução brutal. Essa máquina inscreve no corpo dos condenados, com agulhas, os crimes que cometeram, levando-os à morte em um processo lento e doloroso. Você também percebe que o sistema judicial da colônia é arbitrário e nega qualquer direito de defesa aos acusados.

Um último exercício: imagine acordar um dia metamorfoseado num inseto enorme, monstruoso, que mal cabe na própria cama, e ser você o responsável pelo sustento de uma família de quatro pessoas, Imagine se desesperar por não saber como irá chegar ao trabalho nessas condições.

Esses são pequenos e pobres resumos que faço de quatro grandes e ricas narrativas de um dos maiores autores de todos os tempos: Franz Kafka (1883-1924). Os títulos das histórias são, respectivamente, *O Processo* (1925), *O Castelo* (1922), *Na Colônia Penal* (1919), e *A Metamorfose* (1915).

No entanto, pouco se fala sobre a escrita onírica de Kafka. Seus diários e cartas pessoais revelam enorme potência criativa em seus sonhos, reunidos numa antologia de nome *Sonhos* (Illuminuras, 2003). E o objetivo deste texto é tentar transmitir ao leitor o prazer, o espanto e o maravilhamento que tive ao espiar, por curtos períodos, a mente por trás de tais narrativas, quando li, entre o fim do ano passado e o presente mês de fevereiro, o livro com aproximadamente cinquenta relatos oníricos do autor.

Ler os *Sonhos* de Kafka

é, percebi, poder contemplar (assim como em nossos próprios sonhos) a sua alma desnuda em seu estado mais cru, porém mais enérgico e puro, pelo fato de não existir nas asas de sua criatividade as ceifadoras amarras sociais. É o autor a nos mostrar os germes de suas produções literárias, de suas angústias com o mundo caótico cada vez mais burocrático e pessoal, e a forma como lida com tudo isso, tendo na Literatura (talvez) a única forma possível expressão.

Na antologia póstuma vemos de tudo: desde reflexos de sua relação conturbada com o pai opressor, até os seus mais singelos desejos e inseguranças relacionados às mulheres de sua vida, sua opinião sobre a burocracia, guerras, política, competições esportivas, etc.

Kafka confessou certa vez que “o impulso de representar sua vida onírica deslocou todo o resto para um plano secundário”. E deixou anotado em um caderno uma possível pista de como entendia os sonhos, ao compará-los com um “mandamento interno”, expressão simbólica para representar tanto um impulso criativo e espiritual quanto uma angústia existencial. A

ele, um sonho seria como esse “mandamento”. Em suas palavras: “[um sonho é] absurdo porque só posso sobreviver aqui se não lhe obedecer; desconexo porque não sei quem o ordena, e com que objetivo; inevitável porque me pega de surpresa (...), embora quem se deita para dormir deveria saber que vai sonhar. Exclusivo, ou assim parece, porque não posso concretizá-lo, não se mistura à realidade e por isso não pode ser repetido; provoca alegrias ou medos infundados, aliás muito mais estes do que aquelas; não pode ser comunicado porque é intangível, e pelo mesmo motivo exige ser comunicado.”

Bem, acho que já temos muito para digerir. Deixo aqui um texto suspenso, senão poderia discorrer por páginas afora sobre o autor judeu de língua alemã. Interrompo o artigo quase de súbito, como acontece com muitos de nossos sonhos, porém espero ter despertado, por menor que seja, uma gota de curiosidade sobre a vida e obra de Franz Kafka, escritor plúmbeo que não necessita pôr o seu dedo nas nossas angustiantes feridas da alma, uma vez que nos deixa escancarada a nossa imperiosa ansiedade de fazê-lo por nossa própria conta.

O VINHO E OS VERSOS DE JOSÉ CARLOS GROSSI

Quando o versajador e poeta se encontrando
Procuram a mesa de um bar para conversar
E por ali ficam a matutar se embebedando
E se o vendeiro não mandar embora ficam até o dia raiar

Eis então ‘tantos fui dividido preenchendo espaços
De fracassos e delírios e perna-de-pau do futebol’
[domingueiro
‘O bêbado de vinhos e canções’ sem embaraços
‘Enamorado da deusa do jardim um que galopava
[o cavalo’ trigueiro

‘De crinas de fogo e relinchando pelas lonjuras
Dos confins’ do mundo e sempre a buscar ‘outros
[que me esqueci’
Fazia com que ‘este senhor das lamurias’
Procurasse ‘o outro que se cansou’ do que vivi

E as despedidas de quem ‘colhia estrelas nos pomares da lua’
‘Mais o outro que se vestia das fantasias dos carnavais’
E saiam em blocos cantarolando pelas passarelas das ruas
Como a fechar com chave de ouro os tempos que não voltam mais

‘E de tantos que eram tantos não sobrou nenhum para me
[fazer companhia
Nos infortúnios de sábado’ ou de todos os dias do calendário
‘Então as noites se aprofundaram escuras’ com nostalgia
‘E os dias atormentaram sem ternura’ como um fadário

‘Contudo o Tempo, este senhor absoluto do destino,
Das coisas ao tirar-me todos deixou-me um’
‘Apenas eu apenas um único e sobrenatural’ em desatino
Como a nada sobrar a não ser apenas nenhum

‘Que se encanta de versos ao descrever desatinos
Fantasias e desilusões nostalgias e branduras
Lonjuras saudades e vinhos’
Cuja ultima taça pode até provocar ternura

Como é gostoso ler prosas e versos de um bom escritor
Que em formato de crônica vai descrevendo
O que sente dentro do coração com carinho e primor
No que foi sentido quando José Carlos Grossi
[foi escrevendo

(Composto ao ler a crônica ‘Vinhos’, de José Carlos Grossi, publicada no Monte Sião, edição 625 – junho de 2024)

Arildo Bellini

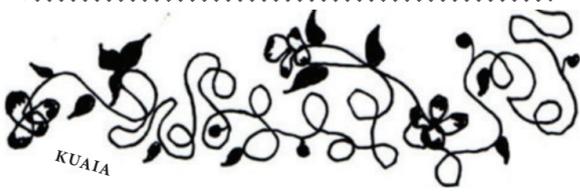
O MEU CORAÇÃO É VERDE

Nascido e criado em colônia japonesa
O beisebol tornou-se a minha paixão.
Porém, a mágica do tempo
Também, me apresentou ao futebol.
Esporte do coração do brasileiro,
Que atrai e energiza multidões.

É daí que trago uma forte lembrança.
Da única partida que disputei no Pacaembu,
Para depois me acomodar nas arquibancadas
Vendo jogos de tantos times e da seleção.
Sempre admirei a arte dos estádios,
Mas, meu coração é mesmo do Verdão!

O Palestra é a academia maior,
Palco onde desfilaram grandes lendas,
Em partidas heroicas e memoráveis,
Conforme atesta a sala dos troféus.
Orgulho de poder gritar bem alto,
Que, na arte do futebol, eu sou Palmeiras!

Yoshiharu Endo



O que é, o que é? Pode ser aberto e fechado, mas não tem portas nem janelas?

A PRESENÇA DA EMILIA ROMAGNA NO BRASIL — MONTE SIÃO (MG) E A FAMÍLIA GENGHINI

L. A. GENGHINI

Na oportunidade da comemoração dos 150 anos da Imigração Italiana ao Brasil, enviamos o texto abaixo para as Comunidades Emiliano-Romagnolas de Belo Horizonte e São Paulo, a fim de que seja incluído nos anais das comemorações.

Introdução: Em 2025 as comunidades Emiliano-Romagnolas de São Paulo, Belo Horizonte, enfim, do Brasil, estão comemorando os 150 anos da emigração/imigração italiana, por intermédio do Projeto Cultural “A Presença Emiliano-Romagnola no Brasil. Nesta nossa contribuição abordamos o pessoal que veio das comunas de Rimini, Monte Colombo e Forli, especialmente a família Genghini.

Emilia Romagna: No final do século XIX, na Emilia-Romagna, assim como em toda a Itália recém-unificada, reinava a pobreza com densa população e poucos recursos. A Itália iniciou o processo de emigração na mesma época em que o Brasil eliminava a mão-de-obra escrava. Logo, Itália e Brasil firmaram acordos de emigração/imigração, acabando por trazer mais

de 1 milhão e trezentos mil italianos para cá, no período de 1876 a 1930.

Monte Sião MG: A cidade de Monte Sião, assim como todo o Sul de Minas Gerais, era uma cidade nova com cerca de 35 anos de existência, tinha o café como principal produto de sua economia, concentrado em grandes fazendas. Diferentemente dos imigrantes que entraram no Sul do Brasil e receberam lotes ou glebas para desbravarem e cultivarem, os italianos que vieram a Minas Gerais, portanto a Monte Sião, eram designados ao trabalho braçal nas lavouras de café.

As Famílias Romagnolas de Monte Sião: De acordo com a pesquisa de Lourenço Guireli Júnior, “Monte Sion Amore Mio”, da Emilia-Romagna vieram quatro famílias, a saber: Caroli e Grossi, de Forli; Genghini e Maggiori de Monte Colombo. Pode, eventualmente, ter ocorrido a vinda de outras famílias da região, porém, a partir de certo ponto, o autor não especificou as comunas de origem.

Os Genghini no Mundo: A Família Genghini, que habitava em Monte Colombo e região, nas

proximidades de Rimini, era numerosa e contribuiu com emigrantes para os Estados Unidos da América, Argentina, Brasil e outros países europeus.

Os Genghini no Brasil: Além da família de Giovanni Battista Genghini que chegou em Monte Sião em 1896, temos notícias de mais dois desembarques cujos Genghini imigrantes se instalaram no estado de São Paulo, sendo eles, Primo Genghini na região de Bragança Paulista, Monte Alegre do Sul, Vicenzo Genghini na região de Itápolis e Ibitinga, e Enrico Genghini, cujo destino no Brasil ainda desconhecemos.

Os Genghini em Monte Sião e Região: Os descendentes de Giovanni Battista Genghini e Mariantonia Di Antonia Bellini (Raimondo Secondo, Antonio Ubaldo e Ernesta Ermínia - já que a pequena Josephina Enriccheta faleceu durante a viagem) tiveram famílias numerosas, cujos filhos e filhas, se espalharam por Monte Sião, Sororro, Águas de Lindóia, Campinas, Americana, São Paulo e outras cidades brasileiras.

O desenvolvimento: Atualmente, temos ainda os mais antigos cuidando

de atividades rurais, enquanto os mais jovens se dedicam à indústria, ao comércio e aos serviços. Do ponto de vista acadêmico, só na terceira geração começamos a encontrar diplomas universitários e títulos de mestrado e doutorado. Atualmente, há advogados, médicos, biomédicos, enfermeiros, engenheiros, pedagogos, pesquisadores, religiosos, técnicos de futebol, atletas e outras especializações.

As contribuições: Fazendo uma breve leitura do histórico, que vem desde 1896 até os dias atuais, observa-se que a contribuição da Família Genghini foi intensa, indo desde o trabalho braçal até a formação acadêmica.

Conclusão: Como já tivemos oportunidade de expressar em outras ocasiões, inclusive no livro que publicamos intitulado “A Saga dos Imigrantes Italianos no Sul de Minas – O caso da Família Genghini”, (disponível no Museu Histórico e Geográfico de Monte Sião) a Família Genghini honra o seu legado e continuará contribuindo, aonde quer que esteja.

Até qualquer hora, Pessoal!

SUPERMERCADO SHIMODA
Onde seu dinheiro compra mais
Avenida Brasil, 205 - Fone 35 3465-1300
Rua Tancredo Neves, 300 - Fone 35 3465-1175
Monte Sião - Minas Gerais

Supermercado e Casa de Carnes
Oliveira
A melhor carne da região!
Pça. Renato Franco Bueno, 80 - Centro - Monte Sião - MG - Cep 37580-000
(35) 3465 1817 / 3465 2109

MAZA
ALINHAMENTO E
BALANCEAMENTO DE RODAS,
ESCAPAMENTOS,
AMORTECEDORES, BATERIAS
PNEUS
RUA CELSO SEBASTIÃO SIMONETI, 38
(ANTIGO MATADOURO) **3465-5463**

EM RESUMO

Sou
um saco
sem fundo
Um vazio
cheio de mim

Na conta
da vida
2/3 de bom
1/3 ruim

Da flor o pólen
Da noite a guarida
Teimoso tardo
mas chego
De dia sou beija-flor
À noite sou morcego

Resta
viver a vida
que me resta

De tudo
quase sei
O que passou
passou
O que virá
inventarei

Popo de Sião

VIGÍLIA

PAULO FRANCO

“Todo dia a insônia me convence que o céu faz tudo ficar infinito”.

Estou deitado, relendo um conto de Clarice Lispector: A Legião Estrangeira. Termina a leitura e penso em Clarice e Ofélia, personagem do conto, e de como eu gostaria de conhecê-las. Fecho o livro, me ajeito entre os travesseiros, diminuo a luz e tento amainar os pensamentos e assim permaneço por um tempo.

Os ponteiros do relógio na parede do quarto, teimam em avançar e, a despeito da minha vontade, buscam o mesmo ponto sempre.

Ouroboros no seu eterno retorno. Fora venta. Projeto nuvens multiformes deslizando rápidas, ora cobrindo, ora revelando uma lua muito clara quase cheia e estrelas, velhas conhecidas das minhas lembranças.

Um galo canta. Parece acordar outro, um pouco mais distante, que responde. A cantilena segue, cada vez mais distante, até esvaecer-se.

Os ponteiros do relógio, incansáveis, continuam a sua jornada.

Lembro do meu dia e

evoco fatos, escolhidos aleatoriamente, pela minha mente. Penso na ignorância, preconceito e intolerância que tomou conta das pessoas. Tento lembrar um poema de Camões, que fala da mudança dos tempos, das vontades e da confiança, mas não consigo.

O que irrompe é uma frase de Nietzsche: “Temos a arte, para não morrer da verdade!” e esse pensamento me conforta.

Um carro passa. Será outro insone ou alguém para quem o dia acabou de começar? Ligo a tv e, ato contínuo, desligo. Longe, um cachorro late. Avança mais o relógio.

Implacável Cronos!

Me levanto, tomo um copo d’água e volto a deitar. Os primeiros pássaros começam seu trinado. Seguem-se outros sons: carros... pessoas... motos... risos...

Meus olhos começam a pesar. O quarto já não está tão escuro. Traço meu plano: desligar o tablet, começar uma contagem regressiva mental, partindo do cem. Espero dormir antes de chegar ao zero, me virar pro lado e acompanhar os números decrescendo em silêncio...

LUCAS
PROVENZANO

Eis o nome de um poema fundamental de um dos mestres do Romantismo inglês, Percy Shelley. Nele, o autor nos convida à reflexão acerca da dimensão inerentemente ambivalente do poder, qual seja, aquela contida no liame entre seu aspecto imponente e sua efemeridade.

No soneto, o narrador divide conosco a experiência advinda do encontro com um viajante impactado pelos destroços, encontrados no deserto, da escultura do faraó Ramsés II, representados pelas duas imensas pernas e pela cabeça parcialmente encoberta pela

OZYMANDIAS

areia. Em seu pedestal era possível ler algo como: “Meu nome é Ozymandias, rei dos reis, observai as minhas obras e desesperai-vos”. Aqui, o contraste é evidente, contido na intenção inicial ao se erigir a estátua e no fato de, com o transcurso das areias do tempo, estar esta reduzida a mero fragmento da opulência que um dia representara.

São poucas as obras que me soam tão próprias para o nosso tempo. Convido a todos os leitores e leitoras a buscarem o poema em sua inteireza, entretanto, gostaria aqui apenas de estabelecer um ponto de diálogo sobre o poder, sua fugacidade e seus propósitos. Diuturnamente, tem-me pareci-

do ser reforçada a ideia de que a legítima manifestação do poder redundava no empenho de transformação da realidade social na qual estamos inseridos, muito mais pelo legado daquilo que ativamente defendemos do que por vistosos obeliscos a serviço da reles demonstração de intimidação. Trata-se de lutar, apesar de não se ter o nome comemorado na posteridade, mas pela relevância daquilo em que se acredita, para que reverberasse nos corações das futuras gerações. Assim, a essência está na mensagem transmitida, a forma como ela se mantém ao longo do tempo e a responsabilidade intrínseca ao uso do poder em qualquer de suas modali-

dades.

Tal conclusão também deriva da inegável constatação de que, em última instância, estamos todos, nesta realidade, sujeitos ao poder da morte, razão pela qual Shelley se vale da figura de um monarca tido como deus em sua época e, mesmo assim, consumido pelo decurso inexorável do tempo. Como nos leciona Ovídio em suas “Metamorfoses”: “tempus edax rerum”. Logo, se o tempo é o devorador de todas as coisas, a única forma de vencê-lo é legar àqueles que nos sucederão algo maior, algo capaz de nos atingir de forma mais intensa e sublime, nossas ideias, sonhos e esperanças.

PEQUENOS CONTOS

J. CARLOS GROSSI

1 - Baobás

Samaroni disse que é desesperador viver sem propósitos duradouros, que nestes tempos já estão previamente estabelecidos e substituíveis.

Até em seu quintal, que era horta e pomar, a vida desmotivada pôs concretos e vasos de flores efêmeras. Agora apenas um pequeno beija-flor aparece em algumas tardes, mas em muitíssimas outras, não. O que lhe constrange, pois em sua desinteressante e passageira vida já não se embriaga mais com os bandos de andorinhas, o pinicar dos sanhaços, as dengosas rolinhas e os encantados canários da tarde.

Tudo está se tornando loucamente rápido e desinteressante. Até mesmo no fundo da casa, depois do muro alto, entre capins e os juncos, da lagoa de suas aventuras, desapareceu a saracura que vigiava espumas de sapos e estressadas lambaris.

O tempo está engolindo tudo, nem deixando lembranças...

Assim como ele que também desaparecerá na corre-

deira dos dias se não tiver um peculiar e duradouro objetivo.

Por isso resolvi, continuei me dizendo, plantar uma tamareira. Sei que demorará oitenta anos para dar frutos, mas não me importará, porque pelo menos teremos tempo suficiente para que cumpra seu formidável destino.

No entanto, ao saber que nos tempos atuais, em técnica supra moderna, essa semente geneticamente modificada demorará apenas cinco anos para dar frutos foi que decidiu, por perceber que sua vida seria tão acelerada e medíocre quanto a dele, substituiu-a por um baobá.

- Sabe por quê? - Perguntou-me.

- Não tenho a menor ideia.

- Vivem mil anos. Produzem frutos adocicados e são sagrados. Suas raízes representam os ancestrais e os galhos perpetuam novas gerações. Também armazenam água, que é a essência da vida! Entendeu? Devíamos ter os mesmos e duradouros propósitos!

- Puxa! Não sabia. Me interessei. Como conseguir mudas?

- Procurei no mercado livre e encontrei 30 sementes por 126 reais. Encomendei e chegam segunda-feira. Posso dividi-las com você.

2 - Lindauro

No quintal de casa havia um muro de tijolos gordos e úmidos, coberto por um campo ondulado de musgos verdes com pequeninas plantas repolhudas, outras folhosas como alfaces, algumas iguais a espinafres. De vez em quando surgiam minúsculas bolinhas vermelhas iguais tomates. Era por onde eu ficava por horas apreciando caracóis espetaculares e brincando de me transportar a um mundo mágico de seres extraordinários.

Um dia a mãe se esqueceu de me chamar e adormeci recostado àquele bosque de unicórnios e fadas. E pelo sono abriu-se um portal. Foi assim que aprendi a conviver com todos aqueles seres invisíveis e fantásticos, pois aprendi que para visitar a fantasia dos sonhos é preciso apenas fechar os olhos e

imaginar.

Depois de visitar mil vezes esse mundo invisível, e aprendido a admirar nuances de cores e sons, comecei a balbuciar algumas palavras em lesmês, caracolês e formiguês.

Inimagináveis vezes me diverti com as histórias de libélulas ironizando sapos gorduchos e apreciando desajeitadas lagartixas.

E ríamos, Lindauro e eu, sempre que imitávamos o peido dos gafanhotos.

Mas meu pai me disse de um alfaiate que me ensinaria a fazer barras de calça e pregar botões, gratuitamente, durante o dia. Então meu tempo de encantamentos acabou por completo, e à noite apenas ziguezagueantes vagalumes visitavam meu quintal que agora já não era mais meu, mas dos gatos e das corujas agourentas da mangueira.

- Lembra do Eurípides, o beija-flor?

- Não.

- Nunca mais voltou. Ficou sabendo pelos pardais que irão demolir tudo isso aqui para construir um sei lá o quê.

BÁRBARA - DE UM TERÇO A UMA HORTA INTEIRA

DURVAL TAVARES

Cadê os pais do R.Q.? Do Seu Massimo muito foi dito ao tratar do famoso Alambique de Manguá. Alambique, uma ova, aquilo era uma produtora e distribuidora de bebida para a região toda, o que o tornou famoso. De Dona Bárbara, o quexotinho não deixava por menos. Rasgava elogios sempre que podia e quando a queria agradecer, sem interesse algum, óbvio. Aqui iremos apenas tratar de pequenos e bons dotes da mãe do menino. Quando não se dedicava a ajudar o marido na produção da Manchaça, estava muito empenhada nos cuidados diários com sua horta, pomar e jardim. Sim, a plantação de verduras, legumes e árvores frutíferas ganhava força naquele local, especialmente e muito por conta do conhecimento trazido pelo casal Monna e Hotoko (Ana e Oto, seus nomes brasilei-

rados), pais do multi-instrumentista Y-irio. Trabalhavam a terra com amor e paixão, como demonstrava o formidável jardim de lírios do casal, algo bem surpreendente para o clima em Manguá. Diziam que plantar esse tipo de flor não seria adequado num lugar tão quente, o que ficou desmentido pelo casal que conhecia regras importantes, verdadeiros diamantes. Sabiam escolher variedade de lírio resistente ao calor e à seca, plantar os lírios em local com sombra parcial para que não ficassem expostos ao sol intenso, preparar o solo adicionando matéria orgânica, como esterco animal (quexotinho e sua turma se destacaram nesse ponto), regar os lírios regularmente, mantendo o solo úmido, mas não encharcado (nesse ponto, quexotinho mais atrapalhava do que ajudava), cortar as flores murchas para estimular o crescimento de novas e proteger os

lírios de pragas, com acompanhamento diário. Hoje podemos visitar o site (<https://meuverdejardim.com.br/dicas-para-plantar-lirios-em-climas-quentes-e-secos/>) e ter a certeza de que o casal produzia os lírios no campo/jardim com muita destreza. Aquilo lá não era um simples jardim, mas um colírio para os olhos, excelente substituto dos produtos vendidos na região, Lavolho, Helios e Moura Brasil.

Para adubação do terreno, por um punhado de doces japoneses oferecidos por dona Ana, (especialmente moti e manju), quexotinho, seus irmãos e amigos colhiam esterco em todo canto por onde pastasse um cavalo. Tinha “bolotas” de montão para a adubação do solo e, pasmem, também para diversão. Enquanto estrangeiros brincavam com bolas de neve, a turma do quexotinho guerreava com amoras-pretas do pomar de

dona Braba, assim carinhosamente e a seu contragosto chamada Dona Bárbara. Já para regar os lírios, quexotinho era um desastre, porque enchia o regador além da conta e não dava conta de aguar a plantação com o devido cuidado. Regador pesado, canteiros pisoteados. Ouvia-se, então, a um quarteirão de distância, um berro que não era em português, muito menos em italiano: “ima sugu yame te kudasai”. Quexotinho entendia muito bem. Eu não!

Fora esse bonito jardim do casal, o destaque recaía na viçosa horta de Dona Bárbara, que teve a felicidade de conhecer a mãe do Y-irio numa terça de terço na igreja matriz. Daí a aprender como cuidar de uma horta foi um pulo só. Ficou muito boa na plantação de hortaliças: rabanetes, nabos, mandiocas, batata-doce fecundavam em profundidade; abóboras e melancias davam suas ca-

ras; chuchu, ou machucho, subia nas cercas das cercanias; almeirão, couve e alface desafiaram as bicadas de passarinhos, graças aos espantalhos - kakashi para Sr. Oto. Como se fosse um chorinho, também crescia junto à horta alguns pés de alecrim, de erva-doce, de hortelã, de jasmim e de rosas vermelhas, amarelas e rosas. Um maravilhoso giardino. Sem falar nos pés de mamão e limão. Tinha mesmo uma horta bárbara. Não conseguiria nada daquilo sem a orientação de Don’Ana e da tropa do quexotinho, experientes na adubação de lírios. Bem, nem sempre a ajuda ocorria de fato, porque a pirralhada estava ali mais para brincar. Corriam para lá e para cá que acabavam por pisotear os canteiros, os verdes pés de alface, e, então, viam o vermelho estampado na face da dona Braba. A rega da plantação virava guerra d’água entre amigos. E

quando subiam nos pés de amoras-pretas, já comentado, ficavam mais sujos do que o carvoeiro da cidade. No entanto, eles ficavam mais úteis como espantalhos, porque suas presenças em boa parte do dia evitavam que pássaros atrevidos bicassem folhas na horta e frutos no pomar. Não se nega que ajudavam nas boas colheitas e na proteção ao meio ambiente, pouco conhecido na época, porém hoje bem divulgado, o que não relaciono por economia de espaço, mas pode ser lido no site https://www.ehow.com.br/transformar-esterco-cavalo-adubo-como_177434/.

Face a face a um pé de alface, os olhos de Dona Bárbara brilhavam e ela sabia muito bem que sem a orientação recebida não produziria alimentos de tão alta qualidade.

Parliamo del prodotto finale. Frutta, verdura e legumi. Ho fame. Ciao.

MAS É CARNAVAL...

BRUNO LABEGALINI ZUCATO

Nossa cidade era pequena, e habitualmente não tinha muita movimentação no Carnaval. Existiram blocos que desfilaram ao longo do tempo, tendo sobrevivido por algum tempo, em variados períodos, e se perpetuado mais na memória alegórica dos frequentadores do que na realidade concreta das ruas.

Tradições alimentares também nessa efeméride se faziam presentes. A mais notória, e muito representativa do universo mineiro de nosso enredo, era a de se preparar canja de galinha para se comer ao fim da folia de cada dia. O caldo potente e untuoso serviria para combater os efeitos da cachaca, sobretudo em seus impactos ressaquentos, como um unguento para as contínuas no dia seguinte. Principalmente se for de galinha caipira. É ou não é o conceito de restauração em sua forma mais genuína e acolhedora?

Ainda que minha família

nunca tenha sido lá muito carnavalesca, e o ritual da canja para a gente não ter sido muito representativo, o Carnaval também sempre existiu em nós de alguma maneira, como de certa forma em todos os brasileiros, em suas diferentes matizes. Lembro de desde criança ser levado nas matinês, e ficarmos, meus primos e eu, mais entretidos nas brincadeiras entre nós com as serpentinas e os confetes do que integrando e interagindo com as outras crianças e com a música. Já na adolescência, nosso carnaval se tornou mais coletivo, digamos, e passamos a frequentar os bailes e blocos durante a noite, e pudemos desfrutar de muitas canjas pelas madrugadas dos lares amigos.

Durante o dia, a rotina dos nossos encontros familiares acontecia ao longo desse feriado, como em qualquer outro. Os almoços corriqueiros acompanhados de longas tardes preguiçosas, em que deitávamos na sala para ver na TV os melhores momentos dos

desfiles das escolas de samba, sequência que por dias se repetia. Menu específico de almoço ocorreria apenas na quarta de cinzas, pois na mesa daquela família não haveria carne vermelha, entre outras idiossincrasias do ambiente católico e em muitos aspectos conservador em que fomos criados.

O prato típico para esse dia seria o macarrão com sardinha, gatilho de más lembranças nos tios, seja pela evocação lúgubre da data em que ele era oferecido, ou mesmo pelo sabor e aspecto ruim que eles relatavam outrora ele tivesse. Mas que, no decorrer dos anos, também se transformou, seja pela evolução do preparo ou dos próprios ingredientes disponíveis, seja por se perceber também nele seu valor e cuidar para que se revigorasse em algo novo, na transformação própria à data, sincrética em seu espírito tanto cristão quanto pagão. Já ouvi um tio dizer que hoje considera macarrão com sardinha, com azeite e bastante cheiro verde, um de seus

pratos prediletos.

De qualquer forma, a expectativa pela quarta-feira, em que a vida voltaria à normalidade, aproveitando-se ou não do Carnaval propriamente, faz com que toda ocasião prazerosa dos dias anteriores ganhe uma maior amplitude. E era justamente na tarde da terça-feira gorda que emergia, para nós em família, a mais relevante tradição carnavalesca: o preparo de rabo de gato, expressão e preparo que só dali eu tenho notícia.

A receita não tem nada de especial, tratando-se de uma massa simples de farinha de trigo e ovos, frita em óleo quente e polvilhada por fim com açúcar e canela. Me parece próxima do que os italianos chamam de crustoli, e que em muitos lugares se apelidou de cueca virada. Com a diferença de, ali, para a gente, o formato ser distinto, lembrando um pouco o churros espanhol, mas mais fino e alongado, por vezes se curvando no manuseio da fritura, e por isso ganhando essa alcunha lúdica e bem

humorada, que coroa a coexistência de tantas influências que possa em nossa cultura existir.

Para nós, jovens ali com tantas abundâncias de possibilidades na vida doce que tínhamos e tudo que dela poderíamos ainda esperar, esse simples preparo não haveria de ser tão atrativo. Seu valor maior residia, acredito, mais no consumir dessa tradição, tão pernil e desimportante, e de por meio dela testemunhar a lembrança dos mais velhos, de minha mãe e meus tios, relatando o alento que nisso sentiam, nas terças-feiras bem mais árduas e escassas dos carnavais de sua juventude.

Emana disso a percepção, como em tantas situações similares, do poder de algo tão singelo ser representativo do que é atemporal, uma mera massa frita em imersão pelas mesmas mãos hábeis de minha vó, por momentos e conotações tão diferentes ao longo dos anos. O que outrora pudesse ser símbolo de escassez e dificuldade, agora se con-

figurasse em possibilidade de ensinamento e símbolo de conquista, por eles conseguirem oferecer aos seus filhos aquele mesmo ritual, as histórias de outras épocas e muitíssimas outras coisas mais.

O que de tão apoteótico possa existir em tão desimportante hábito, para ser simbólico de uma data tão culturalmente rica como o Carnaval? Talvez nada, realmente, se considerado isoladamente. Mas, ao nos reunirmos em volta da mesa para suscitar memórias, intimidades e contemplos, nessa tarde amena de feriado ou de qualquer outra de todos os dias do ano mineiro, a ocasião do café vespertino ganha uma dimensão ímpar, independente da data ou do quito oferecido, e das infundas heranças culturais que isso carrega.

No contexto sereno em que existiu para nós, e que continua existindo pelos lares interioranos, o café da tarde também é uma verdadeira instituição de brasilidade.

MONTE SIÃO DE OUTRAS ERAS

Neste espaço o JMS publicará, mensalmente, textos de antigos colaboradores.

REBELIÃO DA ÁRVORE

ILSON JOÃO MARIANO SILVA

A Sibipiruna que causou o acidente, era sem dúvida a mais bonita árvore de rua: forte, de tronco grosso, frondosa, com galhos imponentes, bem enfolhada, a ponto de sua sombra ser disputada pelos motoristas ao estacionarem seus carros em local fresquinho. Afinal, quem não gosta de deixar o carro na sombra de árvore?

Além dos atributos todos de beleza e boa sombra, a dita árvore não tinha praga ou doença alguma a quem se pudesse atribuir o fato de ela ter caído e machucado os dois operários que estavam podando seus galhos para que não atingissem os fios de energia elétrica.

Pesquisadas as causas do acidente e não se tendo encontrado nenhuma, concluiu-se que a árvore caiu porque caiu! Caiu por vontade

própria ou porque quis!

Os entendidos no assunto, logo se levantaram a questão: -árvore não tem vontade própria ou faz as coisas porque quer!

A sabiá, que fora avisada de antemão que a Sibipiruna iria cair, e por isso fez seu ninho em árvore próxima, ao ouvir o comentário, disse aos filhotes debaixo de suas asas: -Pobres mortais, não sabem o que falam! Até hoje as árvores nunca se manifestaram, mas depois de tanta maldade, tanta perseguição, tantos desatinos e injustiças, alguém tinha de se rebelar, mesmo que isso lhe custasse a própria vida. Os filhotes então quiseram saber a razão do desabafo, e ela começou a contar-lhes o caso desde seu início:-

Disso tudo que se vê hoje em nossa volta, nada disso existia antes da chegada do bicho-fera. Era tudo mata virgem, rios limpos, ar puro, o silêncio quebrado pelo vento, nossos cantos ou lamentos, e um

ou outro índio que vivia em plena paz com essa natureza. O bicho-fera invasor chegou, e a primeira coisa que fez, foi derrubar as árvores e colocar as aves sob seu jugo, instituindo uma escravatura onde só ele fora sempre o senhor, mandando em todo o restante.

Com as árvores, além de eliminá-las de seus caminhos, continuou explorando-as em longínquos lugares sem nunca ter dado trégua.

Depois da expulsão das árvores pra bem longe, criou as cidades, tal como hoje se vê. Prontas as cidades, concluiu que as casas - embora confortáveis - não ofereciam sombra boa feito as árvores podem dar.

Assim procurou as que lhes interessavam, tirou-as do convívio de seus iguais e escravizou as coitadas plantando-as em ruas, para que sirvassem de conforto aos seus senhores, sem mesmo terem o direito de procriar, pois suas sementes-filhos

caem em chão de asfalto ou pedra e apodrecem sem terem germinado. E por mal dos pecados, querem que elas deem sombra sem perturbarem os fios elétricos. Por isso são xingadas quando as folhas entopem calhas, ou cortados os seus membros quando eles crescem como a natureza lhes ensinou. Dificilmente algum bicho-fera agradece pela sombra, pela beleza das flores, ou se desculpa pelos maus tratos e pela escravidão imposta. Afinal, árvore não fala, não sente, não tem vontade própria ou faz aquilo que quer!

Não faz uma ova! Tudo nesse mundo tem limites! Foi o que a Sibipiruna concluiu após todos esses desastérios sofridos, depois de todos os agrados pagos com tirania, depois de ter seus membros cortados pela enésima vez: - Eu vou dar o troco, nem que seja o último ato de minha vida. Delicadamente pediu a sabiá para não fazer seu ni-

nho em suas galhadas, pois ela iria tomar uma decisão - talvez insensata - que poderia prejudicar seus ovos ou filhotes.

Numa atitude insana provocada pelo acuo imposto, foi aos poucos soltando suas raízes do solo, deixando-as bambas e inertes. Só deixou umas poucas, necessárias ao equilíbrio instável. Pediu ao vento que não soprasse nesses dias e combinou com ele a hora que deveria vir.

Triste, aborrecida, indignada, esperou a hora do seu desenlace. Suas folhas já começavam a querer murchar por falta de as raízes bombearem água quando chegaram os dois operários com ferramentas de poda e foram subindo na árvore, cortando seus galhos compridos que ameaçavam a rede elétrica.

Foi só seguir o plano. O aviso foi dado e logo-logo uma brisa soprou de leve, e devagarinho foi mudando pra vento que sempre ba-

lançou as folhas das árvores. Aí ela rangeu, estalou e com um baque, esparramou-se no chão, quebrando seus galhos num estrondo que assustou o povo da rua.

Os operários se machucaram bastante, mas ninguém morreu. Estava certo: - era pra exemplar e não pra matar. As árvores nunca tiveram a índole bicho-fera de estar matando alguém.

Era de tardinha, ainda a seiva escorria pela rachadura da casca da Sibipiruna quando a sabiá saiu do ninho. Voou até a árvore morta. Sentou-se num dos galhos e cantou triste um canto que por natureza não é alegre. Voltando ao ninho, disse aos filhotes: - Vamos embora pra mata; aqui já vi tristeza demais.

Os entendidos no assunto puderam dizer: - Sabiá-fêmea não canta e muito menos fala!

Diria de novo, a sabiá: - pobres mortais, não sabem o que falam e nem o que fazem!

EXPEDIENTE

ENTIDADE MANTENEDORA: Fundação Cultural Pascoal Andreta

Fundador – Antonio Marcello da Silva

Diretores – Antônio Marcello da Silva (1958-1962); Pascoal Andreta (1962-1972); Ugo Labegalini (1972-2012); Ivan Mariano Silva (2012 - 2020) e Alessandra Mariano (2020 -)

Conselho Administrativo – Alessandra Mariano Silva Martins, Bernardo de Oliveira Bernardi, Jaime Gottardello, José Carlos Grossi, José Cláudio Faraco e Matheus Zucato Robert.

Diagramação – Matheus Zucato Robert

Fotografia – José Cláudio Faraco

Direção financeira – Charles Cétolo

Secretário de Redação – José Carlos Grossi

Jornalista responsável – Simone Travagin Labegalini (MTb 3304 – PR)

Colaboradores – Arioaldo Guireli, Arlindo Bellini, Antonio Edmar Guireli, Antonio Marcello da Silva, Bernardo de Oliveira Bernardi, Bruno Labegalini, Carolina Nassar Gouvêa, Danilo Zucato Robert, Eraldo Humberto Monteiro, Ismael Rieilli, Ivan Mariano Silva, Jaime Gottardello, José Alacício Zamuner, José Antonio Andreta, José Antonio Zechin, José Ayrton Labegalini, José Carlos Grossi, José Cláudio Faraco, Luis Augusto Tucci, Luiz Antonio Genghini, Luis Fraccaroli, Matheus Zucato Robert, Rodrigo Zucato, Ugo Labegalini (in memoriam), Valdo Resende e Zeza Amaral.

Colaborações ocasionais serão apreciadas pelo Conselho Administrativo do jornal que julgará a conveniência da sua publicação. O texto deverá vir assinado e acompanhado do RG, endereço e telefone do autor, para eventual contato. Cartas enviadas à redação, para que sejam publicadas, deverão seguir as mesmas normas. Toda matéria deverá ser enviada até o dia 10 do mês (se possível através de e-mail) data em que o jornal é fechado.

Redação: Rua Maurício Zucato, 115 – Fone (35) 3465-2467

Monte Sião fica no sul de Minas Gerais, na divisa com o estado de São Paulo. Pelo censo de 2010, conta com 20 870 habitantes. Sua área é de 292 km² e a altitude é de 850m. Monte-sionense é o gentílico para quem nasce em Monte Sião.

jornal.montesiao@fundacaopascalandreta.com.br

JOSÉ CLÁUDIO FARACO

(Extraído do Almanaque Abril 2014)

As 10 Maiores Bilheterias nos EUA - até 1974:

O Poderoso Chefão (1972), com uma arrecadação de 85 milhões de dólares, seguido por *A Noviça Rebelde* (1965), que atingiu 83 milhões. Em terceiro lugar, *...E O Vento Levou* (1939) arrecadou 77,9 milhões. O drama romântico *Love Story* (1970) alcançou 50 milhões, enquanto *A Primeira Noite de um Homem* (1967) e

Doutor Jivago (1965) empatarem com 49,9 milhões cada. *Aeroporto* (1970) aparece logo depois, com 45,3 milhões, seguido por *Os 10 Mandamentos* (1956), com 43 milhões. Fechando a lista, *Ben-Hur* (1959) arrecadou 40,7 milhões, e *Mary Poppins* (1964) completou o ranking com 40 milhões.

Os grandes dramas - de enredos românticos a histórias bíblicas - dominavam a lista de maiores bilheterias. O filme mais antigo da relação (...E O Vento Levou), lançado havia 35 anos, exemplificava bem o foco dos grandes estúdios

no público adulto para obter sucesso.

10 Maiores Bilheterias nos EUA - até 2013:

Avatar (2009), que lidera com 760 milhões de dólares, seguido por *Titanic* (1997), com 658 milhões. Em terceiro lugar, *Os Vingadores* (2012) arrecadou 623 milhões, enquanto *Batman - O Cavaleiro das Trevas* (2008) atingiu 533 milhões. *Star Wars - A Ameaça Fantasma* (1999) aparece com 474 milhões, logo à frente de *Star Wars - Uma Nova Esperança* (1977), que arrecadou 460 mil-

hões. *Batman - O Cavaleiro das Trevas Ressurge* (2012) fez 448 milhões, e *Shrek 2* (2004) com 436 milhões. Fecham a lista *E.T. - O Extraterrestre* (1982) arrecadou 434 milhões, e *Piratas do Caribe: O Baú da Morte* (2006) com 423 milhões.

A partir do final dos anos 70, a receita de sucesso em Hollywood muda. A lista das maiores bilheterias passa a ser dominada por filmes que buscam fisgar principalmente o público jovem. E de novo o filme mais antigo da lista (*Star Wars*) é um exemplo perfeito dessa nova fórmula.

CASA DAS MASSAS
de Lourdes Labegalini

**Pães e Massas Especiais
Panetones e Congelados**

Rua J.K. de Oliveira, 1.170
Fone 3465-1368
Monte Sião - MG

ACEITAMOS ENCOMENDAS

dynamise
Farmácia de Manipulação e Produtos Naturais

(35) 3465 2060 (35) 98815 2060

Rua Abílio Zucato | 274 | Monte Sião | MG

dynamisemanipulacao Dynamise Farmácia de Manipulação dynamisemanipulacao.com.br

Monte Sião

A Capital Nacional da Moda em Tricô

Fevereiro de 2025

Nº 632

ANIVERSARIANTES DO MÊS

Março de 2025

Dia 01	Lídia Aparecida Bossi Veloso
Mirian Guireli de Faria	Laíse Barbosa de Souza
Ellen Fernanda M. da Costa	Elza Bernardi G. Santos
Dia 02	Clarysdele Canela Bueno
Pedro Artur Ribeiro	Ygor Fávero Nobrega
Marco A. Zucato Guireli	Dia 18
Luciano Gomes da Silva	Sarita Gotardello de Oliveira
Idione Fonseca Righete	José Carlos Bonassa
Mary Eulália C. Barbosa	Cristiane Labegalini
Wllian Augusto de Paula	Flávia Gottardello Silva
Priscila de Castro Guarini	Dia 19
Dia 03	Danieli Comune Faria
Vicente de Paulo Andreta	Bianca Pennacchi
Francisco Tadeu da Costa	Josefina Comune Mendonça
Bruno Labegalini de Castro	Izis Rayara Queiroz
Jéferson Bueno	Dia 20
Augusto César Pereira	Cláudia Regina Renção
Dia 04	Leticia Daldosso Labegalini
Elvira Leandro Pereira	José de Paula Domingues
Jeruza Renzo	Cláudio Labegalini
Wilma Maria Rodrigues	Dia 21
Elaine de Lima	Fátima Cristina Gaspardi
Maria Luiza G. Comune	Alcides Brunialti Jr.
Dia 05	Dia 22
Mariana S. Andreta	Marília de Souza Santos
Joseli Vicentina da Silva	Guilherme Laira Grossi
Luciana Maria Pereira	André Costa P. Grossi
Dia 06	Dia 23
Gustavo Valentim Rejani	José Oscar Takahashi
José Armelím	Lívia Belinato Fonseca
Wander Franco Bueno	Dia 24
Dia 8	Michele Silva Artuso
Alexandre Pedroso	Lara Pieroni
Luiz Aparecido da Silva	Cesarina dos Santos
Solange Ap. B. Domingues	Eliana Ap. Otaviano
Dia 9	Guilherme Pereira Zucato
Luis Felipe de Castro Ribeiro	Dia 25
Dia 10	Felipe Trindade Diniz
Giselle P. Guireli	Roselene S. Gottardello
Therezinha Parlato Labegalini	Alcina Maria Otaviano
Bruno Silveira Andreta	Dia 26
Dia 11	Sérgio Luiz Bueno
Ana Beatriz Araújo	Maria Cristina Gottardello
Henrique B. da Fonseca	Ana Paula Gaspardi
Thiago Labegalini	José Marcos de Souza
Elaine Cristina C. Freire	Dia 27
Dia 12	Fernanda Emerick de Souza
Nicholas Gottardello Fonseca	Ariovaldo Guireli
Eliana Fumuka U. Gatolini	Dia 28
Carlos Eduardo Barbosa	Daniela Godoi Zucato
Tiago Lino	Simone Simões Cardoso
Andreza Augusto	Benedito Pereira Pinto
Carolina N. Simões	Dia 29
Dia 13	Marice Leandro Zucato
Juliano Armelín	Carlos Antonio Rezende
Dia 14	Márcio Giglio Zucato
Edson W. Pereira Zaroni	Aparecida Vilela
Amaranta Guireli	Dia 30
Ana Paula V. Labegalini	José Antonio Pereira
Dia 15	Joseli da Costa Pereira
Camila Franco de Morais	Silvana M. Bernardi
Fabrcio Guarini	Dia 31
Neuza Godoi Albino	Heloise Correa Constantino
Grey Daila R. dos Reis	Pedro César Galbiati
Dia 16	Leila Maciel Pereira
Hetory Reis Canela	
Renato Parreira	
Dia 17	

A todos, as felicitações da Redação!

NOVO COLABORADOR DO JMS – Lucas Provenzano.

Nascido em 1991 em Campinas (SP), Lucas Damas Garrlipp Provenzano é Delegado da Polícia Civil de Minas Gerais em Monte Sião, graduado em Direito e Ciências Sociais e mestrando em Direitos Humanos e Desenvolvimento Social na Pontifícia Universidade Católica de Campinas, professor de Teoria Geral do Estado e Introdução ao Estudo do Direito, e coordenador do projeto de extensão do “Café Jurídico” pela FACMINAS. Seja bem-vindo, Lucas!

PROJETOS CULTURAIS A VISTA!

Parece que depois das dificuldades enfrentadas em 2024, os artistas e promotores culturais de Monte Sião estão respirando aliviados com liberações já em andamento para execução de projetos em 2025. Até o momento observamos a movimentação do pessoal para a inscrição de projetos e as providências para liberação dos recursos para que possam efetivá-los. Parabéns a todos os envolvidos!

FESTAS, EVENTOS, RECITAIS, LIVROS

A julgar pela quantidade de projetos em fase de homologação, este ano não faltarão opções de diversão e entretenimento para os moradores da cidade e para os visitantes. Que venham, cheios de qualidade e de alegria!

LIVRO NOVO

Indo para a prensa da editora, mais um livro de nosso colega Matheus Zucato, um

jovem escritor monte-sionense, que é, bem de longe, descendente de Giovanni Batista Genghini. Bem-vindo, Mateo!

PRIMEIRO MÊS DE TRABALHO

Ao que tudo indica, pela movimentação da máquina administrativa, ao longo do primeiro mês de mandato, o Dr. Juninho Zucato, filho do Dr. Maurício, nosso querido professor de ciências do ginásio, não está para brincadeira! Avante Dr. Juninho e equipe!

REZAS E BOM PRESSÁGIO

Dr. Juninho, fiquei sabendo que a benzedeira e rezadeira, D. Cacilda Bressan, 93 anos de idade, continua firme nas rezas à espera do milagre! Quem sabe..., né?!

ESTRADAS MUNICIPAIS

Imaginamos que o volume de chuvas que está descendo sobre nossa região, este início de ano, prejudica qualquer tentativa de trabalho programado e estruturado, ficando os recursos disponíveis para atender emergências. Serve de aprendizado, porém, é bom manter na pauta que quando melhorar o tempo toda a malha de estradas vicinais do município estará esburacada e a espera de cuidados. Muito trabalho da fare!

TREVO ESQUISITO – OBRA...

Passei por lá duas vezes no mês de janeiro e início de fevereiro... parece que estão se mexendo. Mas, continua

uma obra esquisita!

RODOVIA MONTE SIÃO - OUROFINO

Além do pedágio que onera o contribuinte com quase R\$10,00 a cada passada por ele, andei ouvindo o colega Michel Caroli, pela Rádio Cidade das Malhas, contando que estão para instalar mais 5 radares no trecho da estrada que cobre o município de Monte Sião, concentrando mais no trecho entre Monte Sião e o Bairro Mococa, indo, então, para 7. Definitivamente, não se trata mais de rodovia, estão tratando a via como se fosse uma avenida, o que reduz o limite de velocidade a 60 Km/Hora. Até o povo se acostumar podem acontecer 3 coisas: 1- Aumento exponencial de multas; 2 - Aumento de risco por ultrapassagem forçada sobre aqueles que desejarem andar na velocidade da pista, e 3- maior número de acidentes... Será que Monte Sião está pretendendo reclassificar todo o trecho marginal da pista até a Mococa-Paulini como perímetro urbano? Por que não? É uma oportunidade para cobrar mais do IPTU mais caro do país.

ANIVERSÁRIO DO MONTE SIÃO

Numa prosa rápida com a diretoria, quando fui buscar o “MONTE SIÃO” de janeiro, fui informado que estão escolhendo a data para o almoço anual de aniversário de fundação deste nosso querido e respeitado jornal. Este ano comemoramos 68 anos. Parabéns a você, “MONTE SIÃO”!



CANÇÕES DE MONTE SIÃO

Neste espaço o JMS publicará, mensalmente, letras de canções de músicos monte-sionenses.



NADA MAIS (2022)

(BANDA) ÍNTIMO COTIDIANO

Olha só quem veio me visitar
Depois de tanto tempo assim
Pegou em minhas mãos
Me tirou pra dançar
Mas a ilusão também chega ao fim
São só lembranças
Nada irá mudar
São só lembranças
Nada irá mudar
Diga que pode me libertar
Preso em gaiolas de emoções
Não siga os meus passos
Passado é passado e nada mais

Quando as pessoas se afastam de você

Fica difícil de acreditar
O mundo inteiro contra você
E a solidão vem pra te enganar
Diga que pode me libertar
Preso em gaiolas de emoções
Não siga os meus passos
Passado é passado
Diga que pode me libertar
Preso em gaiolas de emoções
Não siga os meus passos
Passado é passado e nada mais

ACM ADRIANO - CHARLES - MAURICE
CONTABILIDADE
(35) 3465-1635
3465-4404
R. Juscelino K. de Oliveira, 1102 - Centro - Monte Sião |MG

PORCELANA MONTE SIÃO
BIBELÔS EM GERAL - CANECAS PARA CHOPP
VASOS - CINZEIROS PARA BRINDES, ETC.
A única que produz PORCELANA AZUL e BRANCA no Brasil
AGRADECEMOS SUA VISITA
Rua Sete de Setembro - Tel.: (35) 3465-1117 - Monte Sião - MG

A melhor internet do
Circuito das Águas Paulista
TELESON TELECOM
Águas de Lindoia: (19) 3824-3671
Monte Sião: (35) 3465-4963
WhatsApp: (19) 99773-1001

Laboratório de Análises Clínicas Bioanálise
Bioquímico: Ferdinando Righetto
● **Teste do Pezinho ampliado**
● **Credenciamento com os Laboratórios:**
GENOMIC (Teste de DNA) - CRIESP e SAE (São Paulo)
HERMES PARDINI (Belo Horizonte)
Rua do Mercado, 866 - Tel (35) 3465-1714 - Centro - Monte Sião/MG

Nossos avós já compravam na
Loja do Plácido
A mais antiga da cidade - Desde 1922
TECIDOS - CALÇADOS - CONFECÇÕES - CAMA - MESA - BANHO
Rua Presidente Tancredo Neves, 194
Fone: 3465-1144

Sebo do Ismael
Livros, revistas, LPs, CDs, DVDs, VHS, Fitas K7,
Aparelhos eletrônicos, Antiquário
Praça Cavalinho Branco - 410 - Águas de Lindoia - SP
Telefone: (19) 3824-1507 WhatsApp: (19) 99343-9180